Quando acordei cinco e meia da manhã deitado em minha rede ao lado dos meus irmãos, que dormiam o sono pesado da madrugada, ouvi, vindo de fora, um barulho horrível. Nunca tinha ouvido um barulho daquele de manhã cedo. Meu coração disparou e eu fiquei assombrado. Com os olhos ainda fechados tentando entender o que era aquilo, – pois era assim que eu despertava: primeiro queria adivinhar o que a mamãe estava fazendo na cozinha; do fundo da rede eu sabia, se era cuscuz, beiju ou frito com café, – o café me hipnotizava com seu aroma delicioso; depois, ainda adivinhando, localizava o papai. Se ele estivesse na sala, era fácil saber, porque o cheiro do cigarro o denunciava, assim como o chiado do rádio, sempre sintonizado em AM Ondas Médias, na frequência de 800 quilohertz, pegando o programa Através da Bíblia, na voz de Davi Nunes, transmitido de Bonaire, Antilhas Holandesas, repetido pela Rádio Transmundial, de São Paulo.

Todo dia, na mesma hora, o Davi Nunes fala: Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu filho unigênito, para que todo aquele que nele crê, não pereça, mas tenha a vida eterna[1], e tocava umas musiquinhas boas de ouvir no fundo da rede de olhos fechados de manhazinha, sentindo o cheirinho do café da mamãe e do cigarro Clássicos do papai. Mas, havia silêncio dentro de casa. Da cozinha não vinha o cheirinho do café da mamãe, nem da sala o cheiro do cigarro Clássicos do papai. Não haviam as batidas características da colher na borda da chaleira de passar café, nem o raspar de panela de fazer beiju.

[1] João 3:16

Davi Nunes estava calado no rádio que não tocava nenhuma música.

Das outras vezes, quando eu havia feito as identificações habituais do que a mamãe estava fazendo na cozinha e de onde o papai estava, ainda de olhos fechados ouvia o galo cantar no quintal bem perto da janela do meu quarto. Com a rua silenciosa e deserta àquela hora, escutava também os bem-te-vis cantando o canto rasgado nos fios de energia, as pipiras trincando no pé de mamão – indicando que tinha algum mamão maduro; ouvia o gemido penoso das rolinhas no alto do pé de pequi, e vez por outra, um cachorro latindo distante. E sentindo já o incômodo da rede debaixo de mim, abria os olhos e via pelas frestas das telhas o claro do dia antes do sol nascer. De um só pulo pisava o chão frio, lembrando que a mamãe tinha dito que faz mal pisar descalço na hora que a gente acorda, – pode entortar a boca; procurava o meu chinelo misturado com os dos meninos debaixo das redes, calçava os pés e saía apressado do quarto. Ia para a área da frente, onde o papai estava acocorado, com os calcanhares apoiados no batente da porta olhando tranquilo para o lado do sol nascente. Corria ainda aquele frio das madrugadas de junho. Sem camisa, arrepiado de frio abrigava-me aconchegando-me no colo do papai, protegendo as costas no seu peito quente; ele me abraçava aquecendo também minha barriga e o peito; assim eu ficava um tempinho ali, sempre calado, tentando enxergar o que o papai via no infinito mirando a linha do horizonte desenhada pela silhueta da Serra da Mangabeira no maranhão, onde subiam as primeiras cores lindas no céu em contraste com a base escura da serra. Quando eu chegava, tinha só um clarinho que ia se transformando

diante dos meus olhos, de amarelo para o alaranjado, até ficar vermelho. Quando o sol nascia, ofuscava as minhas vistas, obrigando-me a ir para a cozinha tomar café. A mamãe tinha pronto para mim, que acordava mais cedo que os meninos, um pedação de carne assada enrolada no beiju com chá morno de erva cidreira, deixado sobre o pano-de-prato limpo na mesinha rústica da cozinha que o papai mesmo fez, com tábuas que ele arrumou por aí.

– Pai, onde o senhor arrumou essas tábuas?

– Por aí!

Mas eu queria mesmo era café, eu sabia que tinha café na chaleira, mas a mamãe não me deixava tomar café – menino que toma café fica rudo e não aprende nada na escola, – se ela soubesse o quanto eu gostava do cheiro do café, ela teria deixado eu tomar aquele café com beiju naquela manhã, – por que aquele chá de erva cidreira não serve para nada, depois que eu tomo dele fico calmo de mais, sem vontade de fazer nada a manhã toda.

Mas dessa vez foi diferente, eu continuei no fundo da rede escutando, temendo ouvir de novo o grito esparroso de uma mulher que chora, chamando por Deus sem parar. O que eu ouço de olhos fechados são apenas murmúrios de pessoas sussurrando coisas que, não dá para entender direito o que é que falam. Ouvindo o meu próprio coração bater forte, abro os olhos e vejo os cordões da rede tremerem no mesmo ritmo das batidas cardíacas. Percebo que estou sozinho no quarto. Todas as redes estão desocupadas. No chão há somente um par de chinelos. Desço depressa derrubando com as pernas o lençol, que cai num canto qualquer. Pulo longe, corro para a cozinha. A mamãe não

está lá. O fogareiro a carvão parece frio. Saio caminhando com desinteresse de saber o que havia acontecido, mas, movido por tremenda curiosidade, vou à porta da sala, a qual encontro aberta. O papai não está no seu ponto preferido de ver o sol sair. Há uma multidão silenciosa em frente à casa do vizinho. Falam baixo. Ao aproximar-me ouço alguém dizer:

– Morreu!

Fico alto do chão.

O papai e a mamãe estão misturados com os curiosos, os meus irmãos por ali com os outros meninos da rua. Ao juntar-me a eles, deixei escapulir:

– Quem morreu?

Arrependi-me imediatamente de ter aberto a boca. Um deles respondeu sem olhar para mim:

– Foi o Igo, irmão do Everaldo. Ele estava muito doente, e morreu de madrugada, vieram avisar. A mãe dele deu um passamento e foi levada para o hospital também.

– Cadê o Igo? Arrisquei.

– Tá morto, no hospital.

– Morto?

Perguntei sem saber se queria saber disso, nunca vi ninguém morto, – ele fica sem respirar, ou será que ele está de olhos fechados escutando todo mundo falar perto dele? Deve ser isso. Conclui para mim mesmo, lembrando-me de como eu fico de olhos fechados no fundo da rede todas as manhãs, sondando o ambiente antes de me levantar. Meu pensamento volta-se para o Igo. Ele tinha sete anos, – parece que eu estava vendo-o, era pretinho, seus cabelos pequenos bem enroladinhos; a testa meio

boleada combinava com o rosto arredondado e com as bochechas lisinhas, que seriam rosadas se ele fosse branco; os lábios grossos bem proporcionais ao tamanho pequeno da boca, estavam sempre com ar de surpresa; as sobrancelhas curvavam-se para dentro e para baixo, formando o rosto de um bebê que quer chorar. Sua brincadeira preferida era fazer estradas na terra molhada do terreiro limpinho, para puxar os seus carrinhos. Como a sua casa é próximo à nossa, separada apenas por um rodapé de estacotes de candeia, eu aproveito para brechar por entre uma estaca e outra, para ver os seus carros parados ao longo da estrada, sem ninguém por perto. O estacionamento é arrumado debaixo do pé de ata no canto da cerca, onde ele fez as garagens individuais com barro molhado. Ali os carros são postos de ré, ficando de fora só a cordinha de puxar. Passo horas admirando a frota do Igo, porque tenho apenas um jipe azul sem para-brisas, pneus travados; daqueles bem baratos, que ganhei no último natal. Todo ano, no dia 25, a firma onde o papai trabalha, sai pelas ruas jogando brinquedos para os meninos, que correm em louca algazarra atrás da picape, recebendo bolas, mexe-mexes, bonecas e carro. Tudo barato e ruim. O meu jipe está bem conservado, – lógico, e sempre limpo, isso me dá muito orgulho, ele tem cordinha de puxar e tudo, mas as rodas não rodam direito quando puxo pela estrada, que os meninos fazem em nosso quintal. É um pouco decepcionante, porque os pneus travam de vez enquando. Por isso, frustrado, mantenho-o guardado pendurado num prego na parede da sala, bem de frente à entrada, para quem chegar, ver. O pai do Igo é mecânico de carro, ele trabalha na companhia grande, ganha bastante dinheiro, pode comprar os carros bons no

Armazém da Quadra. Lá tem de tudo, do bom e do melhor. O Igo tem um fusca que abre o capô, carro de polícia que pisca e de bombeiro com escada que levantava. Eu olho do pé da cerca, um por um, sem ver o tempo passar, imaginando dirigir cada um deles, fazendo gestos com a mão no ar acompanhado o percurso da estrada e imitando o barulhinho do motor com os lábios; porque do jeito que o Igo os deixa na estrada, não parecem abandonados, e sim, que estão viajando. Fico ali, até que as quinas dos estacotes da candeia da cerca machucam minhas bochechas até doer. Saio retirando com a mão, da barriga e do peito, os cupins vivos que se impregnaram em mim sem eu perceber, morrendo de nojo da gosma branca que eles soltam pela boca e do fedor que deixam na gente.

Ninguém me responde mais nada. Ouço lá longe alguém dizendo que deram remédio para a mãe do Igo se acalmar, ela está deitada na cama do quarto dela, com o rosto coberto com um pano escuro, não se sabe se está dormindo ou apenas mais calma, sob o efeito do remédio.

O sol subiu. Algumas pessoas se dispersam indo para suas casas, outras se juntam às vizinhas de dona Raimunda à sombra do pé de acácia, falando baixo quase sussurrando, para ela não despertar, – se despertar antes da hora pode se descontrolar de novo. Volto para dentro de casa com o corpo quente do sol, quando atravesso a sala e chego à cozinha, deparo-me com os meninos calados, comendo. A mamãe vai de um a um, recomendando para fazer silêncio. Sento-me no meu cantinho e recebo o meu pedaço de carne enrolado no beiju com um copão de chá de erva cidreira, que agora vai ser útil a moleza que ele dá.

O Joderval retira o pedaço de carne dele de dentro do beiju e o segura numa mão, depois molha o beiju dele no chá e come devagar. Eu não gosto de fazer assim, nem de vê-lo fazer, prefiro mastigar o meu beiju seco saboreando o gostinho de goma nova com a carninha assada com aquele salzinho no fim, engulo satisfeito, só depois é que tomo o chá. Eu acho que do meu jeito é mais gostoso, por isso implico com o Joderval:

– Dervale, porque tu não come assim, como eu?

– Eu acho melhor é do meu jeito. Responde desinteressado, dando a entender com a sua concentração na comida, que do jeito dele é mais gostoso que do meu.

Todo dia, eu tento convencê-lo de gostar de comer beiju do jeito que acho bom; aquilo vai me irritando dum tanto, que eu apelo:

– Desse teu jeito é nojento!

Ele nada responde. Os outros meninos comem como querem, eu não implico com nenhum deles, nem mesmo com o Jodelmar, que come fazendo barulho com a boca, que precisa a mamãe reclamá-lo, para ele comer direito; nem com James, que, além de fazer um barulhinho como se estivesse cantando, tanto come como derrama. É só com o Dervale a minha implicação. Depois do café da manhã levantamos do chão, devolvemos o copo para a mamãe, e vamos para o quintal brincar nas sombras frias das bananeiras, inventando algazarra de todo tipo, até chegar a hora do almoço. Naquele dia foi diferente. Quando terminamos, a mamãe segurou o nosso braço na hora que a gente ia ficar de pé, e puxou para baixo forçando-nos a nos sentar de novo, para não sairmos de dentro de casa. Isso me irrita ao extremo, – não a

ordem de se sentar e ficar em casa calado, mas de segurar no meu braço e obrigar-me a sentar na marra. No início eu resisto endurecendo o corpo para traz, mas ela força mais ainda, e eu praticamente me jogo no chão, com mais raiva ainda. Eu sabia que a situação era diferente e exigia atitudes diferentes, mas puxar o braço dos outros daquele jeito, é diferente, aquilo tira o sentido da coisa, aí eu me vingo empurrando com as pernas os meninos que estão perto de mim, menos o Dervale.

Naquele dia, demora de mais a chegar a hora do almoço, nos distraímos o tempo todo balançando calados nas redes, esquecidos do mundo lá fora; vez por outra, passando pela sala, quando vou beber água no pote, olho para o meu jipe pendurado num prego na parede pela cordinha, admiro-me do quanto ele está limpo realçando o brilho, mas ao olhar para os seus pneus, vem o desgosto e meu pensamento se volta para o Igo. Escondido da mamãe arrisco a olhar pela cerca a casa dele, é como se ele estivesse vivo lá dentro. Pensando apenas na sua estradinha do terreiro, encosto o rosto na brecha da cerca de candeia esmagando com a barriga os túneis dos cupins. Meus olhos se deparam com a coisa mais estranha que eu jamais havia visto. Quatro pessoas levando uma peça azul, meio grande, para dentro da casa de Dona Raimunda. O terreiro, por dentro e por fora da cerca fica lotado de gente acompanhando calada, tão perto umas das outras, que, sem espaço para caminhar, andam arrastando os pés. Quando adentram a casa com aquele objeto estranho, estoura o grito terroroso que eu ouvira de manhã, chamando por Deus. Meu coração dispara de novo, corri. Encontro-me assombrado com a mamãe saindo na porta e grito ofegante:

– Eu vi o caixão, o Igo tá morto dentro dele.

Falo sem parar delirando, sem saber o que estava dizendo. A mamãe leva-me para o seu quarto e manda-me deitar em sua cama, ficar quieto e não ir para fora.

O cuidado que ela tem comigo é exagerado, porque os outros meninos ficam livres para fazerem o que quiserem, mas eu tinha que ficar no quarto. Ela precisa sair, e para não me deixar só com o terror que me assola, manda o Dervale e o Jodelmar ficarem comigo, logo entra no quarto também a tia Florice, mas não adianta muito, porque o Dervale me aterroriza perguntando se eu tinha visto o Igo morto. Eu disse que vi.

– Mas ele não está dentro do caixão, como é que tu viu?

– Olha, escuta, é a dona Raimunda que está gritando, ela está vendo o Igo morto. Desconversei.

Virei-me de bruços, cobri a cabeça com o lençol e tentei não ouvir os gritos dela dizendo, – Meu filho! Meu filho! Meu filho!

Se eu soubesse que, se chorasse naquela hora, amenizaria o meu pânico, teria chorado. Eu não choro fácil. Um dia, quando o Dervale brincava com o seu carrinho de lata de sardinha no quintal, cheguei com uma lata nova e um chinelo para ele fazer um carrinho para mim. E ele disse:

– Nesse instante.

Eu queria que ele fizesse naquele minuto, mas me conformei. Sentei num banquinho ali na sombra e fiquei observando o carrinho dele fazer as manobras na estradinha bem feita, cheia de curvas, com lombadas e pontes. As pontes eram buracos cavados no chão, cheios de água, com uma tabuinha

posta atravessada formando a continuidade da estrada, dando mal para passar um carro por vez. Ele já tinha ido ao final da pista e voltado umas cinco vezes, e nada de parar para fazer o meu carrinho, aí eu apelei:

– Toma Dervale, faz o meu!

Ele disse:

– Espera ainda.

Mas não deu para aguentar mais, então espalhei a terra molhada que formava as lombadas e destruí a ponte jogando fora a taboa e cobri com os pés o buraco derrubando areia dentro. Mas levei azar. A mamãe viu tudo. A reação do Dervale foi chorar. Ela não contou conversa, voou no meu braço e sacudiu para baixo forçando e falando alto bem pronunciado o meu nome. Fiquei surpreso, porque eu não sabia que a mamãe tinha tanta força. Pensei que pudesse me livrar da mão dela a hora que eu quisesse. Qual nada! Ela soqueia o meu braço para baixo, do jeito que fez, para eu me sentar no chão depois do café, só que dessa vez, eu sabia que não era apenas para eu me sentar que ela aplicava aquela força toda, porque ela largou de falar o meu nome, e ainda segurando o meu braço, disse repetindo sem parar:

– Por que tu fez aquilo?

Olhei de relance para traz, e lá estava o Dervale, enxugando os olhos com cara de choro, com aquelas pestanas grandes olhando para a estradinha toda destruída. Foi só o que vi, porque a mamãe me arrastou para o quarto. Quando chegamos lá, soltou o meu braço, e com a rapidez de um gato, correu a mão nos punhos de uma rede derrubando-a e deixando-a no ponto que fica para a gente se deitar, como se fosse um cipó de fedegoso, quando